

O EXISTENCIALISMO E O SÉCULO XX.

CÉLIA FREIRE A. FONSECA

Assistente da Cadeira de História do Brasil, da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

Se bem que nas origens do existencialismo esteja o dinamarquês Kierkegaard em oposição a Hegel, em meados do século XIX, contra a absorção do homem em um sistema de idéias, é interessante observar sua volta após a I. Guerra Mundial, talvez com mais vigor ou, pelo menos, de maneira mais geral. Popularizado, também, por romancistas, e não só por filósofos. O que seria, já, uma razão de sua maior penetração, uma vez que os romancistas são muito mais lidos do que os filósofos. Mas, de maior interêsse é notar que, êsse público, pela consagração que ofereceu aos romancistas impregnados da angústia de certas situações existenciais, revela uma condição real de inquietação e ansiedade característica das épocas de mudanças profundas. Muita razão tinham os conferencistas da Missão Cultural Francesa que veiu a Pernambuco à convite da Universidade do Recife, em 1962, em caracterizar a literatura contemporânea francesa de após guerra, e dentro dela a corrente existencialista, pela angústia.

De modo geral os grandes escritores franceses do nosso século, sobretudo dos períodos de após-guerra, de maneira menos ou mais intencional, apresentam obras impregnadas não só do pessimismo como da angústia característica da corrente existencialista. Assim é Malraux em *La condition humaine*; Sartre em *La nausée*, *Les mains sales*, *Huis Clos* e outras; Camus em *Caligula*, *L'Etranger*, entre outros; Jean Anouilh com suas *Pièces Noires*, sem falar em alguns outros. Poder-se-á objetar que escritores angustiados sempre existiram. Certo, mas não como característica quase geral, atingindo tão grande número de escritores de primeira grandeza e, ainda, distinguindo-se o fato pela consagração e preferência do público. Evidentemente havendo uma identificação entre público e escritores. E ainda mais: a voga e maior renome alcançado por Sartre, sobretudo como o filósofo do existencialismo, foi justamente depois da II Guerra Mundial, época em que se consagraram alguns dos nomes citados. Coincidência? evidentemente, não. Tanto mais que vinha o público de uma mesma terrível experiência, repetição mais crua e despojada de qualquer escrúpulo que ainda se tivesse conservado na guerra de 1914.

Com a II Guerra Mundial sossobravam as últimas ilusões que ainda podiam ter sobrevivido à primeira catástrofe, os mais cegos ou desejosos de assim permanecerem tiveram de dar adeus aos últimos saudosismos da *belle époque*, definitivamente morta. E não era tão bela assim, apenas plumas e dourado para um pequeno grupo beneficiário da revolução industrial e do comércio internacional, esquecido da servidão dos povos coloniais e das massas sacrificadas nas insalubres fábricas da época e em encarniçadas lutas de bastidores pelo domínio de regiões de matéria prima e mercados, na mais desenfreada corrida sob o lema do liberalismo econômico, apoiado no sistema das alianças e na contraditória paz armada. E lá um dia, apesar das valsas vienenses, luzes de Paris, correção britânica, ordem prussiana e filosofia alemã, tudo acabou na primeira guerra total, com gases asfixiantes, ensaios de guerra microbiana e matanças gerais. Os que, mesmo depois disso, não quiseram ou não tiveram capacidade para perceber as grandes contradições de um mundo reformado materialmente pela técnica e pela máquina, mas ainda apegado a organizações arcaicas e estruturas mentais superadas, perderam as últimas esperanças de uma acomodação quando a II Guerra Mundial, vendaval ainda mais terrível, abateu-se, de novo, sobre o mundo. E, agora, extermínio e matanças estimuladas por doutrinas que constituíam a própria base ideológica e era propagada por alguns dos países beligerantes.

Não podia a literatura deixar de refletir tudo isso porque eram angústias sofridas por cada homem que, em escala mundial, foi diretamente envolvido pelo conflito. Em especial a Europa, tão ciosas suas populações ocidentais de liberdades fundamentais e respeito absoluto à pessoa humana, apesar de não aplicarem tais princípios às colônias da época e de terem sido o principal núcleo gerador dos dois terríveis conflitos. Mesmo os que abriram os olhos a realidades mais profundas, minorando seu espanto pela compreensão do momento que atravessava o mundo ocidental, nem por isso deixaram de sofrer o impacto e as incertezas do futuro. A crise que viveu o continente mais avançado, técnica e culturalmente, aguçou a percepção e a sensibilidade de seus escritores mais significativos e, enquanto uns se refugiavam numa atitude saudosista acerca da elite e do “bello” mundo perdido, outros, mais argutos, refletiam o sofrimento, a angústia, o realismo de um mundo sem solução satisfatória para os homens concretos, existentes como tal, sem as reduções abstratas a sínteses e globalizações que não respondiam ao problema premente de cada um no plano de sua própria existência. Era a angústia da consciência do efêmero e passageiro de um mundo que não aceitava as possibilidades de uma outra vida nem do sobrenatural, do sentimento de solidão absoluta do nosso eu profundo, da impossibilidade

de realização das aspirações, fôsse no plano coletivo ou no pessoal, da impotência dos seres e do esmagamento diante de forças muito mais poderosas e gerais, do absurdo da vida e do sofrimento nunca ausente, da incomunicabilidade entre os homens, da frustração e da angústia sempre presentes. Tais os temas existenciais presentes na literatura, com maior ou menor vigor, tocando de modo agudo a sensibilidade de cada leitor. E' que o problema existe e, em um mundo em crise, a percepção de sua presença era mais aguda e geral. Daí a volta de Kierkegaard, agora sob novos aspectos e sob motivação mais concreta, menos filosófica e mais existencial pròpriamente, apreendida na vivênica de situações reais e que os romancistas e dramaturgos refletiam. O momento histórico que era o momento humano vivido na Europa dilacerada explica o fato e o êxito geral desta literatura. E só entre os povos que sofreram diretamente as duas guerras mundiais e desenvolveram um modo de vida tão intenso no sentido do utilitarismo e da eficiência como norma suprema — quem tenha vivido alguns anos nestes países pode compreender como esta atitude é geral e quanto encerra de anti-humano e contraditório com a natureza dos homens — poderia ter oferecido o clima para a penetração geral do pessimismo existencialista. E' que o utilitarismo nas civilizações modernas onde domina o princípio intrinsecamente materialista da *eficiência* antes de tudo, desumanizou as relações entre os homens e apresentava, por fim, seus aspectos profundamente negativos e até dramáticos. Daí, também, êste outro tipo de literatura que clama contra a máquina, pois foi a revolução industrial que condicionou esta competição pela eficiência que é, no fundo, corrida pelo maior confôrto material, erigido em norma primeira. Mas, parece-nos, não é pròpriamente a máquina mas o uso que se fêz dela, instrumento de egoísmo e poder para certos grupos e, posteriormente, nações e povos que mais depressa dêle se asenhorearam, que provocou tal estado de coisas. Êsse confôrto material e essa eficiência que lhes assegura predominância sôbre outros povos tem sua contrapartida na desumanização intensa de suas populações, na competição entre êles mesmos e que os arrastaram às infelicidades profundas das duas guerras mundiais, apesar de terem arrastado, também, povos que não participam dos seus benefícios nem de sua mentalidade.

Muitas vêzes observei, nos anos que passei na Europa, esta mentalidade ferozmente utilitária, a escravidão ao relógio, a solidão orgulhosa mas visível de seus membros — razão porque tantos elementos do nosso mundo menos eficiente mas aparentemente mais humano não se adaptavam nem suportavam a maneira de viver. Mas, foi sòmente lendo *A Náusea*, de Sartre, que melhor situei as minhas observações no contexto daquela civilização. A civilização da eficiên-

cia, é o t ermo que me ocorre. Revi aqu ele povo que não tem um minuto a perder, que são nos procura com algum fito objetivo, escravo do relógio e das entrevistas com hora marcada, que com um ano de antecedência planeja as férias e os passeios e, acredito, até os imprevistos devem ter um lugar em datas e probabilidades mais ou menos possíveis . . . E' a auto-escravidão em nome da eficiência, fim e princípio, mesmo quando mais ou menos inconsciente. E cheguei a conclusão de que, no mundo sub-desenvolvido   que não se originaria aquela literatura nem aqu ele tipo de angústia. Sem d vida temos c  os nossos tipos de problemas, mas problemas mais concretos, talvez até materialmente mais brutais, porém não   o dessa contradi o espantosa de um mundo que superou em larga escala a miséria material mas não se organizou de acôrdo com as novas realidades que conhece bem. Apegado a concep es geradas por uma época técnica e de realidades diversas da atual, o mundo ocidental recusou o reajustamento reivindicado em nome da justiça e da paz geral, entre as camadas de suas popula es e entre as na es, a ponto de ser arrastado por dois conflitos de propor es antes nunca vistas e que ameaçou tudo exterminar — são o sacrifício em vidas humanas seria suficiente para condená-los.

As possibilidades de compreensão de suas contradi es, fontes de fatais conflitos, nem por isso deixavam de existir, embora desacompanhadas da vivência geral de suas conseq ncias. Foi preciso objetivar-se em grande escala as conseq ncias dos choques gerados pelas contradi es existentes, processo alcançado por Hegel e discutido ou adaptado pelos filósofos materialistas e outros, para que, enfim, a maioria dos que não sofriam diretamente os sacrifícios maiores da organiza o existente compreendessem ser o problema comum e a todos interessar. Muitos intelectuais entraram, então, em maior contato com os problemas vitais de sua época através da filosofia, enquanto a maioria do público que até al  os ignorava, através da literatura do existencial; todos sob a vivência intensa e dolorosa das duas catástrofes. Hoje, não são na literatura e no teatro mas, também através de outros meios, como no cinema, por sinal eminentemente popular, essa angústia e essa frustra o existencial se manifesta como, por exemplo, nas obras de Jean-Luc Godard, Louis Malle, Allain Resnais, Fellini, certas obras do cinema italiano de após-guerra e muitas da chamada *nouvelle vague* da Franga. Não sabemos até que ponto ões tomam consciência e realizam suas obras como temas existenciais mas, o fato   que captaram o clima de angústia de um mundo em mudança e sem unidade, cheio de contradi es gritantes.

Os temas existenciais, hoje, constituem realidades não são na arte como nos problemas que vive o mundo, embora as afli es que o engendraram sejam mais palpáveis, porque mais próximas, nos países

tênicamente mais desenvolvidos, nos países das máquinas. Mesmo escritores confessadamente marxistas, apesar de não ortodoxos, como Sartre, refletem, e com que forte insistência, essa realidade. Por isso parece-nos injusta a crítica de Adam Schaff (1), quando diz que Sartre isola o problema da liberdade (e do homem) “de seu contexto social e histórico”, e assim reduz liberdade e homem a puras abstrações, coisas que, como tais, jamais existiram. E’ verdade que, em algumas de suas obras literárias, de certa maneira Sartre isola o problema vivido, às vêzes até com certo artificialismo que dá grande força dramática e reforça o fato de sua existência mas, ao mesmo tempo, o exagera em uma permanência e intensidade que dificilmente se verifica. Atribuo o fato à vivência intensa de situações de angústia e decisões penosas dilaceradamente assistidas ou vividas durante a guerra, não só por êle mas por tôda sua geração. Assim, embora afirme sua adesão à filosofia marxista, afirma também o real e o concreto de situações individuais profundamente dolorosas e de difícil e até impossível comunicação e que não encontraram lugar, até hoje, naquela filosofia. Focalizar apenas estas situações é que dá uma impressão de artifício a uma realidade que, no enrêdo da obra, é parcelada e excluída de todo o resto, às vêzes até a alucinação, a ponto de apresentar-se-nos como total. Mas, se êle retrata assim situações de angústia, em algumas de suas peças ou romances, é falso dizer que ignore o condicionamento do homem ao seu meio e a sua época. Bastará ler suas próprias afirmações no trabalho que Adam Schaff critica (2). Ali Sartre fala, também, do papel da guerra na tomada de consciência das novas realidades, difíceis de serem apreendidas pela sua geração, não só em suas formulações teóricas como na sua presença efetiva. Assim é que declara:

“foi necessária tôda a história sangrenta dêste meio século para nos fazer apreender sua realidade e para nos situar numa sociedade dilacerada. Foi a guerra que fêz explodir os quadros envelhecidos de nosso pensamento. A guerra, a ocupação, a resistência, os anos que se seguiram. Queríamos lutar do lado da classe operária, compreendíamos enfim que o concreto é história e a ação dialética” (3).

Impressionante depoimento o de Sartre neste livro que esclarece muito de suas atitudes, objeto das mais variadas interpretações e onde realiza penetrante análise do nosso tempo, de certos equívocos de marxistas militantes e da razão da permanência do existencialismo, ainda, em nosso mundo.

(1). — Adam Schaff, *Marxismo e Existencialismo*, Zahar — Editôres, Rio de Janeiro, 1965, pp. 32-33.

(2). — Jean-Paul, Sartre, *Questão de Método*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966, pp. 17, 19-22, 29-32.

(3). — *Ibidem*, p. 22.